

**Q**UEM deixa Cuiabá em direção a Barra do Garça encontra pelo caminho a Reserva Indígena de Sangradouro, cuja população é formada de Xavantes e Bororós.

Em Sangradouro, fica a Missão dos Salesianos. Atrás da igreja está a aldeia dos Xavantes, que é composta de aproximadamente 460 índios. Sangradouro é lugar com bela paisagem. Possui escola, igreja, enfermaria, e distante 1 km fica a aldeia Xavante.

Os Xavantes foram considerados os índios guerreiros. Hoje, sem as guerras, já vivem pacificados. Os mais novos da tribo freqüentam a escola dos padres Salesianos. Apesar de terem assimilado alguns costumes dos brancos, ainda conservam seus ritos e hábitos Xavantes. Já não usam, entretanto, todos os adornos, como outrora.

Sua constituição tribal é patriarcal. Os cultos giram em torno da vida, como uma grande dádiva de seus deuses. Suas festas mais importantes são a "Corrida do Buriti" e a "Furação da Orelha". Esta última é uma cerimônia que ocorre na adolescência e tem como objetivo introduzir o Xavante na vida adulta da tribo, dando-lhe o direito ao casamento e a participar de determinadas cultos e trabalhos.

Na aldeia Xavante de Sangradouro existem 36 malocas, feitas de capim, ou folhas de buriti. Elas têm o formato de um cone. Algumas têm duas ou três repartições, que são os quartos, e a área da cozinha. Nestas casas estão aproximadamente 120 famílias. As casas formam um grande círculo, estando a do cacique localizada mais no centro da aldeia.

Existe, na aldeia, o grande chefe Augusto Wérehite, com mais dois subchefes. As mulheres também têm um chefe; assim também ocorre com os velhos. Todos esses chefes estão subordinados a um único chefe — o Cacique. A tribo está dividida em grupos, que são os dos velhos, o das mulheres, o dos jovens, o dos adultos e o dos meninos.

O Xavante do sexo masculino mora com a família até a idade de 9 anos. A partir dessa idade, vai morar numa maloca, juntamente com os da sua idade. Nesta época tem um mestre, que lhe faz a preparação para a penetração na vida adulta. O Xavante de 9 a 12 anos de idade tem o nome de *Aituté* e de 12 a 14 anos, aproximadamente, recebe o nome de *Airepudu*. Até essa idade ele pode brincar com as mulheres, conviver com elas, mas a partir dessa idade, quando passa a ser *Wapté* (14 a 18 anos), não pode falar e nem conviver com elas.

Na idade de 18 a 22 anos, eles furam as orelhas, num ritual belo e significativo. Este ritual recebe o nome de *Heraiwa*.

Após furarem as orelhas, passando-se cerca de 2 meses, eles recebem o nome de *Riteiwa*, podendo agora conversar e namorar as mulheres de sua tribo. A partir dos 28 anos, eles tornam-se padrinhos, ou mestres para a "furação das orelhas", dos novos iniciantes — recebem, neste período, o nome de *Danhohiwa* (geralmente nesta época já estão casados). Mais tarde, recebem o nome de *Ipredu*. Este é o período de desenvolvimento por que passa o homem Xavante.

Jerônimo é o Xavante mais velho da aldeia. Calcula-se que ele tem mais de 100 anos. Já não trabalha mais na pesca, nem na agricultura e nem na caça, mas é o Xavante mais respeitado da tribo. É ele quem reconta o passado da tribo através das lendas e "casos" que conta para os novos. Está sempre cercado por um ou mais Xavantes, que o ouvem com muita atenção. Mesmo com a idade avançada, apóia-se num cajuado e faz longas caminhadas pelos matos.

O dia na aldeia começa bem cedo, às 5 horas, quando todos saem para a caça e a pesca ou a agricultura. Quando voltam, os mais velhos reúnem-se na beira de uma fogueira, que fica no centro da aldeia, para conversarem e contarem as façanhas de suas caças e pescas.

Seus artesanatos são simples. O Xavante é um povo que gosta de cantar e pintar o corpo, mas que raramente usa penas como adorno.

Um instrumento de grande utilidade na aldeia é a *bakite*, que é um cesto feito da palmeira do buriti. Existem vários tamanhos: o maior é usado nas costas das mulheres, preso à cabeça. É utilizado para carregar a criança Xavante e para o transporte da lenha, da caça e pescados. Serve, também, para guardar roupas e utensílios.

Seus arcos-flechas são grandes e hoje servem para a caça de pássaros e animais.

Os Xavantes alimentam-se de mandioca, de arroz e algumas verduras. Suas caças são a paca, o porco do mato, a ema, a anta, o veado e o tamanduá. Usam, além da flecha, a borduna (pedaço de madeira, trabalhada, que varia de 1 a 3 metros) para a caça.

Os Xavantes, hoje, usam o cabelo, com uma franja, aparado até as orelhas, sendo a nuca coberta por um grande rabo negro. Os adultos têm a orelha furada, onde trazem um pedaço de madeira. Durante as festas, pintam o corpo com carvão ou urucum. Antigamente, andavam nus, hoje usam roupas comuns aos civilizados. Na época das suas festividades, usam um calção vermelho e o corpo pintado de vermelho e negro.

A FESTA DA INICIAÇÃO À VIDA ADULTA — Ocorre quando o Xavante está na fase da adolescência. É uma festa feita pelos velhos



As cerimônias tradicionais ainda são realizadas em Sangradouro

para a casa dos seus afilhados, onde ganham bolos, que podem ser de milho ou de arroz, para os seus maridos (padrinhos dos afilhados).

O padrinho, neste momento, está atrás das malocas. Os mais velhos dão ordens, para que os *Waptés* busquem um pau na mata. Depois de o buscarem, eles se dirigem para o *ho* (casa onde moravam). Nesta casa, o padrinho conta-lhes, cantando, o sonho que teve na noite passada. Todos os *Waptés* também cantam o sonho do seu padrinho. Dirigem-se para a frente da maloca, onde dançam e cantam durante todo o dia e um pedaço da noite. A partir desse dia, ficam aproximadamente 2 meses sem festa, período em que o lugar sacrificado da orelha se recupera.

Quando a orelha já está curada, eles fazem o *nóni*, nova dança, que conclui as festas, tornando-os, assim, aptos para namorar e casar.

Outra festa importante dos Xavantes é a "corrida do Buriti".

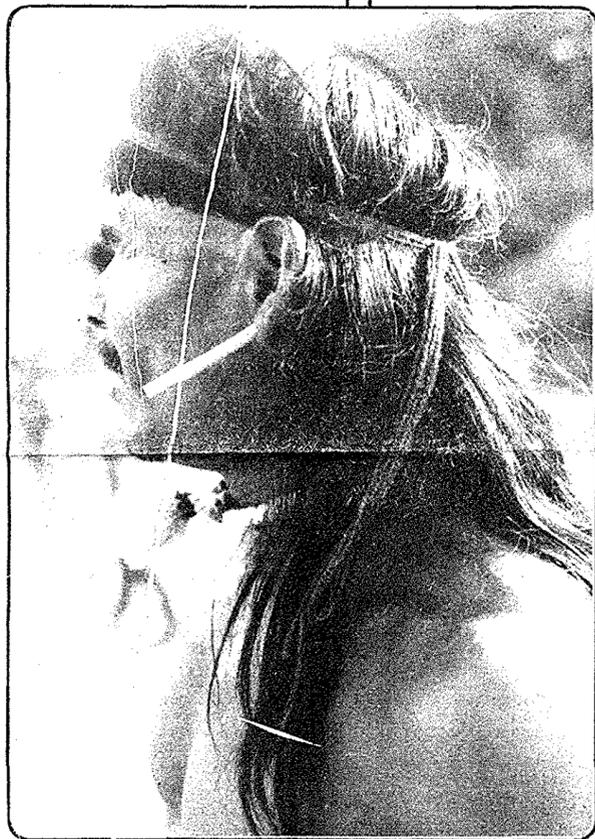
O Cacique manda cortar o tronco do buriti. São duas toras de mais ou menos 1 metro de comprimento, pesando de 60 a 80 quilos. A corrida é feita por 2 grupos, num percurso de 6 Km. Os elementos do grupo estão espalhados pelo caminho do percurso. Pintados com urucum, carregam no ombro a tora de buriti, que vão passando um para o outro, formando, assim, dois grupos. Aquele grupo que correr mais, conseqüentemente, chegará primeiro na aldeia, ganhando a corrida. Pelo caminho estão os torcedores: crianças e mulheres da tribo. É uma corrida olímpica, onde os atletas são destacados no povo Xavante. Só podem correr com o buriti aqueles que já furaram a orelha, que são conside-

# Xavantes

## Um povo que canta a vida

Texto de  
Geraldo Majela  
MARTINS

Fotos de  
Everton de  
PAULA



Todo Xavante adulto tem a orelha furada



Jerônimo é o mais velho da tribo

lhos da tribo é quem lhes ensinam e lhes dirigem as encenações coreográficas.

Feito isto, dirigem-se para o rio, onde os padrinhos e os mais velhos vão ensiná-los a "como cair na água", para fazerem a "bateção de água", como afirma Cornélio, o Xavante que participa da solenidade.

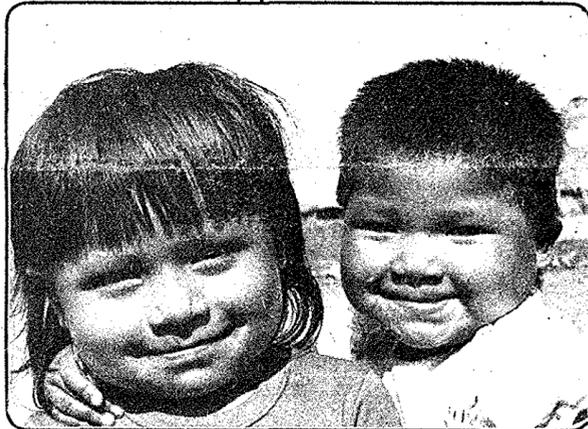
Continua ele: "Os mais velhos fazem a demonstração para os mais novos verem. Vários grupos demonstram para nós, como nós deve fazer na água".

Depois da demonstração, os padrinhos aproximam-se dos iniciantes e retiram deles os enfeites de penas. Eles descem devagar e em silêncio, para dentro do rio. Ficam em pé na água, colocam as mãos postas sobre a água, até o fundo, e fazem um movimento trazendo-as cheias de água, até o alto, perto da orelha. Isto se repete incessantemente. Diz o Xavante: "Isto é para esmolescer a orelha". Ficam o dia inteiro dentro d'água. Seus pais lhes levam comida, só podem sair d'água quando os mais velhos chamarem. A noite, um velho Xavante, escolhido, vai e busca os *Waptés*.

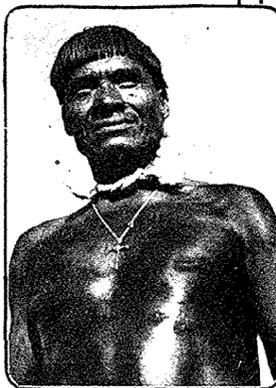
Cada *Wapté* entra na sua casa cabisbaixo, sem olhar para ninguém, e deita no chão, cobrindo o rosto com a esteira, feita de folhas de buriti. De manhã bem cedo, eles vão para o rio e ficam batendo água, por muito tempo, podendo parar quando se sentirem cansados, mas não podem voltar para casa.

Quando voltam à noite, eles se pintam de novo. Neste momento, são ajudados pelos irmãos menores. A "bateção de água" ou *Datsiwate* às vezes dura 15 dias, podendo durar até 3 meses.

Depois de muito "baterem água", os mais velhos da tribo avisam: "Amanhã vocês vão furar a orelha". No outro dia, levantam-se bem cedo, vão ao rio banhar-se, e vêem cabisbaixos, sem olhar para os lados, ficando na frente de suas casas, onde têm uma esteira, em que cada um se assenta. Após assentar, o padrinho se aproxima, trazendo nas mãos uma cuia cheia de pequenos pauzinhos (*buruteihi*), para colocar



Os Xavantes sobrevivem aos traumas da civilização



Para os rituais, eles se pintam com urucum

no lugar perdurado; na outra mão traz um osso de canela de onça parada. Ao ritual da furação da orelha dá-se o nome de *Daporedzapu*

O *Wapté* está todo enfeitado com urucum e com um colar de folhas de buriti, que eles dão o nome de "grava". O padrinho que fura as orelhas também está todo enfeitado e pintado de urucum.

Antes de perfurá-las, o padrinho molha o osso na boca e fura-lhe a parte inferior da orelha, colocando no lugar do furo um pequeno pauzinho de capim-paraguá.

Feito isto, todos entram em suas casas e pintam as partes da frente e de trás de seu corpo de carvão, seguindo depois para o rio. No rio, seus pais verificam se estão bem furadas as suas orelhas. Caso não esteja, o padrinho fura novamente. Continuam no rio, batendo água até o lugar sacrificado da orelha secar. Voltam para casa somente no final da semana. Ficam dentro de casa, um dia e uma noite, não podendo sair definitivamente. No sábado há a dança do grupo. Fazem uma fila, em forma de meio-círculo, e dançam de cabeça voltada para o chão. Neste momento, as mulheres dos seus padrinhos correm

rados adultos. Na "Corrida do Buriti", o primeiro grupo é formado pelos *Tirawa* (8 Xavantes), *Abareu* (12 Xavantes), *Amarawa* (14 Xavantes), *Airere* (20 Xavantes). O segundo grupo são os *Hotora* (6 Xavantes), *Etepa* (4 Xavantes), *Nódzair* (14 Xavantes), *Isadóro* (20 Xavantes). Quem dá início são os *Isadóros* e os ganhadores sempre são os *Aireres*, considerados os mais atletas.

Mesmo com todos esses rituais é freqüente encontrar, na aldeia Xavante, índios ouvindo músicas americanas, não possuindo mais nomes Xavantes, mas nomes americanos ou de santos católicos.

Sangradouro é uma reserva onde os Xavantes ainda guardam seus costumes. Eles travam uma luta permanente e sedutora contra os costumes dos civilizados.

Muitos podem até pensar que em Sangradouro os índios ainda são fiéis à sua civilização, mas lá também nem "todo dia é dia de índio". Mesmo afastados da civilização, eles já têm como sedução a civilização dos brancos, que aos poucos vão colonizando, ao torná-los marginalizados objetos de cartão postal e exposição para museus.